

Referência: LEFFA, V. J.; HEEMANN, C. Decálogo do professor de EaD. In: TONELLI, Juliana Reichert Assunção; CHAGURI, Jonathas de Paula. (Orgs.). *Espaço para reflexão sobre ensino de línguas*. Maringá: Eduem, 2014, p. 19-37. (NOTA: Texto em edição, mas com páginas sincronizadas)

DECÁLOGO DO PROFESSOR DE EaD

Vilson J. Leffa
(UCPel/CNPq)

Christiane Heemann
(IFSUL/UAB)

Introdução

Vivemos em um mundo de homens e de máquinas em constante evolução, tanto os homens como as máquinas. À medida que criamos máquinas cada vez mais sofisticadas, somos obrigados a nos sofisticarmos cada vez mais para adquirir o domínio dessas máquinas, o que provoca exigências de desenvolvimento de um e de outro lado, evoluindo em progressão geométrica. Homens e máquinas têm sido tradicionalmente vistos como separados e, muitas vezes, ocupando os pontos extremos de uma hierarquia que vai do nível mais simples ao mais complexo: de um lado, a simplicidade do objeto, totalmente visível e palpável, como o lápis usado para escrever sobre a folha de papel; de outro lado, a complexidade do ser humano, imprevisível em suas ações, porque imerso em um contexto histórico a que não temos acesso suficiente. O problema é que os objetos, usados como recursos de aprendizagem, estão também se transformando em máquinas complexas, indo do lápis ao computador, trazendo, como consequência, aumento na curva de aprendizagem para o aluno e mais ainda para o professor. Ao lado do livro e do papel, estão surgindo outros suportes de conteúdo, capazes de armazenar não só textos e imagens estáticas, mas também áudio e vídeo, a um preço que representa uma fração do custo de um livro e com a capacidade de funcionar em rede, fazendo a ponte entre enunciador e enunciatário, propiciando condições para se comunicarem nas quatro habilidades da língua: escuta, fala, leitura e escrita.

Para atuar nesse mundo instável de homens e de máquinas, portanto, é necessário abraçar a complexidade e aceitar o desconforto que ela traz. Muito do que aprendemos a duras penas perde repentinamente seu valor e temos que recomeçar do marco zero. No futuro, não há espaço nem para o óbvio nem para o prolixo; temos que ser originais em nossas ideias e enxutos ao expressá-las. O já-dito está disponível a todos, por meio de qualquer máquina instantânea de busca, capaz de extrair arqueologicamente, na sua origem e, de modo intacto, tudo o que já foi formulado, tornando cada vez mais difícil não dizer o já-dito, mesmo nos termos de Foucault (2004), permitindo dizer o já-dito com outras palavras. Com a internet, o já-dito, como o sol, nasce para todos. A onipresença do já-dito cria, ao mesmo tempo, a necessidade e a dificuldade de formular o nunca-dito. Por outro lado, execramos a prolixidade. Vivemos a era dos textos mínimos, não por falta de espaço, disponível em terabytes na internet, mas pela exiguidade do tempo em consumi-los, o que gerou fenômenos como os microblogs (Twitter e outros), nos quais toda informação é condensada ao máximo, para chegar ao mínimo.

Considerando essa necessidade de dizer mais com menos palavras, vamos usar neste texto o recurso do decálogo. A opção por um estilo aparentemente descontraído, beirando o nível da paródia, é feita não para dizer o já-dito com outras palavras, mas para resumir a experiência de EaD à sua essência no que se refere às qualidades desejáveis do professor.

O texto está dividido em duas partes. Na primeira, tentamos mostrar as principais características do gênero decálogo, com base na perspectiva sistêmico-funcional; veremos como ele atravessa praticamente todas as áreas da atividade humana, incluindo a produção acadêmica. Usamos, nessa primeira parte, a voz emprestada de outros, principalmente para justificar nossa opção por esse gênero. Na segunda parte, apresentamos o decálogo do professor de EaD. Aí falamos de um lugar que acreditamos conhecer relativamente bem e de experiências que vivemos em EaD, com base em cursos de formação continuada de professores e em cursos da graduação, além do uso de diferentes Ambientes Virtuais de aprendizagem (AVAs), como WebCT¹, Teleduc² e Moodle³.

¹ AVA criado pela *University of British Columbia* em 1995 e adquirido pela empresa *Blackboard* em 2006 (BLACKBOARD, 2012).

² Ensino a distância (TELEDUC, 2012).

³ *Learning Management System* (LMS) (MOODLE, 2012).

1. Gênero decálogo

À medida em que pretendemos descrever o perfil desejado do professor a distância por meio de um decálogo, sentimos a necessidade de definir o que entendemos por decálogo. Partimos, para isso, da perspectiva da semiótica social (HALLIDAY, 1994; KRESS; LEEUWEN, 2006; LEMKE, 2002), com ênfase em três aspectos: (1) a visão de mundo tipicamente representada pelo decálogo; (2) a como maneira o decálogo interage com o leitor e (3) o modo como o decálogo se estrutura como texto. Definiremos esses três aspectos, respectivamente, como representacional, interacional e composicional.

1.1 Aspecto Representacional

A representação de mundo construída no decálogo privilegia os aspectos hierárquicos das relações humanas, com base não só no exercício do poder, mas também nos diferentes níveis de conhecimento que algumas pessoas possuem sobre as outras: para quem sabe mais, ou tem mais poder, reserva-se o direito de falar; aos outros, em posição subalterna, cabe obedecer e silenciar. A comunicação, nesse mundo representado, acontece, tipicamente, de cima para baixo, de modo unilateral, sem o retorno de quem ouve. Não há diálogo porque é só uma voz que fala, mas também não há monólogo, porque o emissor não fala para si mesmo, mas para um interlocutor, embora esse deva permanecer calado.

Visto por alguns como uma “[...] uma antigüíssima maneira de dar ordens” (SELLIN; FOHRER, 1977, p. 74), o gênero decálogo permanece como uma prática bastante comum até os dias de hoje; continua sendo usado para resumir as regras essenciais de comportamento de uma comunidade e tem servido como modelo para promulgar normas de boa conduta em diversas profissões. Basta fazer um levantamento na internet para perceber sua popularidade em diversas áreas, incluindo, por exemplo, a área jurídica (decálogo do advogado, do promotor, do juiz); área pedagógica (decálogo do professor, do estudante, do educador); área comercial (decálogo do vendedor, do cliente, do corretor de imóveis); área da saúde (decálogo do médico, do dentista, do paciente), área das artes (decálogo do contista, do escritor, do artista). Há também decálogos de pessoas famosas (o decálogo de Abraham Lincoln, de Lênin, de Bertrand

Russell). Como outros gêneros, o decálogo também pode gerar paródias (decálogo dos ignorantes, do corrupto, de como reclamar).

1.2 Aspecto Interacional

O mundo de relações hierárquicas, representado pelo decálogo, reflete-se também na interação que se estabelece entre o texto e o leitor ou ouvinte. O decálogo não descreve um mundo objetivo para a contemplação do leitor; pelo contrário, ele interpela o leitor, conclamando-o a fazer determinadas coisas e a não fazer outras, vendo-o não como sujeito, mas como objeto da interação. O decálogo não dá espaço para qualquer modalização; as ordens são diretas, categóricas e dirigidas a um interlocutor universal, sem contextualização. Tem a força da lei e seus mandamentos devem ser obedecidos sem questionamentos, porque representam a essência de uma norma de conduta. O decálogo não estabelece sanções, não aponta as penas para os infratores nem estabelece recompensas para quem segue os mandamentos; apenas diz o que deve ou não deve ser feito.

Segundo a Bíblia, Moisés recebeu as Tábuas da Lei, com os mandamentos gravados em duas pedras, no alto do Monte Sinai, de onde desceu para trazer ao povo as normas que deveriam reger suas vidas. Esse movimento de cima para baixo é emblemático da interação possível que se estabelece entre o decálogo e o interlocutor a quem se dirige, partindo tipicamente de uma perspectiva vertical, de cima para baixo.

1.3 Aspecto Composicional

A organização do texto para representar esse mundo hierárquico e a interação vertical com o leitor é caracteristicamente composta de ordens, tanto afirmativas como negativas, tipicamente apresentadas em uma lista de mandamentos, numerados de 1 a 10. A opção por frases curtas, dentro de um mesmo padrão sintático, é para facilitar a memorização. Esses mandamentos podem ser expressos no futuro do presente, como no modelo clássico da tradução bíblica das Tábuas da Lei:

1. Amarás a Deus sobre todas as coisas.
2. Não tomarás o seu santo nome em vão. (ÊXODO, 20, 1-6, apud BÍBLIA, 2002).

Esse modelo clássico de decálogo tem gerado muitas paráfrases, construídas dentro dessa mesma forma composicional, às vezes, até repetindo a mesma estrutura sintática da tradução clássica da Bíblia, como no exemplo a seguir (Decálogo do radialista):

1. Amarás a tua audiência sobre todas as coisas.
2. Não tomarás a palavra em vão. (DECÁLOGO RADIALISTA, 2012).

Outras formas de organização também são possíveis, incluindo a forma infinitiva do verbo, como no exemplo retirado de *Os Dez Mandamentos da Ética*, de Gabriel Chalita (2003, p. 35) (e seguintes) transcrito sem os comentários:

1. Fazer o bem.
2. Agir com moderação.

A distância hierárquica no decálogo não é necessariamente categórica; às vezes dá espaço para variações contínuas, permitindo aproximações maiores ou menores, entre um extremo e outro. O tom autoritário das ordens e dos comandos pode ser substituído por outras estruturas sintáticas. Vejamos dois exemplos, o primeiro, usando orações concessivas, e o segundo, usando frases afirmativas:

1. Se não houver merendeira na escola, não será fornecida a merenda;
2. Se não houver pessoa responsável pela biblioteca, ela permanecerá fechada. (DECÁLOGO, 2011).

1. O Direito é a mais universal das aspirações humanas, pois sem ele não há organização social.
2. O direito abstrato apenas ganha vida quando praticado. (MARTINS, 2008).

Existe pelo menos um decálogo que pode ser classificado como dialógico, apropriadamente elaborado para explicar a pedagogia de Paulo Freire:

1. Sim ao processo de conscientização, ao despertar da consciência crítica e ao uso da razão analítica (cabeça). Mas sim também à razão sensível (coração) onde se enraízam os valores e de onde se alimentam o imaginário e todas as utopias.

2. Sim ao ‘sujeito coletivo’ ou social, ao ‘nós’ criador de história (‘ninguém liberta ninguém, nos libertamos juntos’). Mas também sim à subjetividade de cada um, ao ‘eu biográfico’, ao ‘sujeito individual’ com suas referências e sonhos. (BOFF, 2010, p. 77, grifos do autor).

Alguns decálogos incluem um comentário ou corolário (O decálogo do leitor):

1. Nunca leia por hábito: um livro não é uma escova de dentes. Leia por vício, leia por dependência química. A literatura é a possibilidade de viver vidas múltiplas, em algumas horas. E tem até finalidades práticas: amplia a compreensão do mundo, permite a aquisição de conhecimentos objetivos, aprimora a capacidade de expressão, reduz os batimentos cardíacos, diminui a ansiedade, aumenta a libido. Mas é essencialmente lúdica, é essencialmente inútil, como devem ser as coisas que nos dão prazer. (MUSSA, 2009).

O uso do decálogo não é uma prática social restrita ao cotidiano; tem também espaço na área acadêmica. Um exemplo bem conhecido é o texto de Auguste Pasquier e de Joaquim Dolz ‘Um decálogo para ensinar a escrever’ (transcrito sem os comentários):

1. Diversidade textual
2. Aprendizagem precoce. (PASQUIER; DOLZ, 1996).

A opção pelo uso do decálogo neste texto é resumir nossa experiência como professores de educação a distância, em estilo descontraído, mas sem a irreverência da paródia.

2. O Decálogo do Professor

Para amenizar a ideia de imposição, que normalmente caracteriza o decálogo, usamos aqui, de propósito, um estilo mais leve. Acreditamos no que temos a dizer, mas não queremos ser os donos da verdade. Entendemos que existem outras verdades além da nossa, como entendemos que ela deva ser construída a partir da própria experiência em EaD, não com base na experiência emprestada de outros. É o que tentaremos demonstrar no

decálogo a seguir. Vê-se a reflexão não como um processo que emerge de dentro do sujeito, criando uma verdade supostamente única, mas como reflexos que se constroem do encontro com os outros, refratando-se em diferentes verdades. O que segue é uma síntese dessa reflexão, na tentativa de expor o que acreditamos ser a essência do comportamento desejável do professor de EaD.

2.1 Desconfiarás de quem Critica sem Conhecer

As pessoas, quando criticam negativamente uma tecnologia, são motivadas por várias razões, incluindo medo do novo, acomodação a uma forma antiga de pensamento e dificuldade em dominar a nova tecnologia. Essas motivações normalmente não aparecem na crítica ou porque os críticos não têm consciência delas, ou porque deliberadamente as silenciam, tentando disfarçar a falta de conhecimento no amparo de um estilo bem elaborado, mas repetitivo e genérico, que, ao tentar abarcar tudo, acaba ficando sem conteúdo.

O medo do novo é o de ser devorado pela máquina e pode incluir uma ameaça ao que a pessoa faz, o que vem acontecendo pelo menos desde que Jacquard, já em 1804, criou o tear automático e tirou o emprego de muitos tecelões, fato que se repetiu mais tarde com os caixas eletrônicos nos bancos e que parece estar acontecendo atualmente com os tradutores automáticos, produzindo textos cada vez mais próximos de um trabalho profissional. Uma característica aparentemente universal é que as ferramentas criadas para facilitar o trabalho das pessoas trazem sempre vantagens e desvantagens. Um texto atualmente produzido por um tradutor automático representa um progresso enorme em relação ao que tem sido feito anteriormente, mas, ao lado desse aspecto positivo, traz também limitações – e são justamente essas limitações que os tradutores profissionais destacam quando se pronunciam sobre o assunto. Os críticos não acreditam em histórias de final feliz.

Os artefatos culturais de que dispomos – jornais, livros, rádio, televisão, entre outros – condicionam nossa maneira de pensar. A convivência de anos com determinados hábitos cria automatismos persistentes, profundamente arraigados em nossa mente, predispondo a uma determinada configuração de valores que de repente ameaça deixar de existir. A zona de conforto, criada por uma estrutura hierárquica bem definida, com a garantia absoluta da autoridade recebida por delegação, desmorona-se na estrutura em rede onde cada um parece ter o direito

de adquirir momentaneamente o centro. O estilo solene, com frases longas e rebuscadas, ficou apenas bombástico e pode ser impiedosamente ridicularizado. Estamos mudando de um mundo em que poucos escreviam muito para muitos para um mundo em que muitos escrevem um pouco para muitos.

As críticas negativas podem também ser motivadas por uma tentativa frustrada em dominar a nova tecnologia. Algumas pessoas são muito hábeis em justificar sua incompetência para aprender. Gastam muito mais tempo procurando justificativas para desmerecer o que desconhecem do que tentar vencer as primeiras dificuldades da aprendizagem. É uma síndrome ancestral que faz parte da história da humanidade, muito bem simbolizada pela parábola da raposa e as uvas⁴.

2.2 Perguntará o que a tecnologia pode fazer por você, não o que você pode fazer pela tecnologia

Muitos usam a tecnologia parcimoniosamente, com medo de gastá-la. Não é raro ver escrito em alguns lugares placas do tipo ‘Desligue os computadores ao sair da sala’. Em um mundo em que celulares e televisores estão sempre em *standby*, em que predominam os planos de acesso ilimitado à internet, alguns ainda não se deram conta de que a tecnologia caracteriza-se pelo excesso, inclusive o de uso. A tendência com os computadores é de que eles só sejam desligados para manutenção, como já acontece nas grandes empresas e como começa acontecer com os computadores pessoais, em que, na verdade, a manutenção é normalmente feita quando a máquina está supostamente ociosa – é aí que ela inicia automaticamente a indexação dos arquivos, a eliminação de algum vírus escondido em suas entranhas, a coleta de lixo acumulado em sua memória, entre tantas outras tarefas programadas para serem executadas nesses momentos. A máquina é incansável e pode funcionar continuamente sem diminuir sua vida útil. A tecnologia, nessa atividade contínua, cada vez mais se aproxima da natureza, em que os seres vivos só param de funcionar quando morrem. Uma planta ou um animal

⁴ Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: “Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem” (PENSADOR UOL, 2012).

não pode ser ligado ou desligado, de modo a ativar e a desativar seu metabolismo interno. Os computadores estão chegando lá.

A tecnologia deve ser usada como escrava, sem parcimônia, trabalhando bastante nas tarefas mais cansativas, sem qualquer preocupação de poupá-la. Há muita coisa que um computador pode fazer para professores e para alunos, desde ajudar na edição de textos até na correção de prova. A ideia é não deixar a tecnologia criar problemas para a gente resolver, mas fazer o contrário: levar nossos problemas para que ela os resolva. Warschauer (2002) compara uma experiência desenvolvida na Índia, em 1999, conhecida como ‘Um buraco na parede’ (*A hole in the wall*)⁵, em que as pessoas acessavam um computador que ficava a sua disposição, apresentando jogos e atividades, com um projeto desenvolvido no Brasil, em que os alunos levavam seus problemas para serem resolvidos com a ajuda da máquina. Por mais impacto que a experiência do buraco na parede tenha causado no bairro pobre da Índia, como exemplo de inclusão digital, a experiência do Brasil ainda era, segundo o autor, a mais indicada.

2.3. Incentivarás a Cópia.

Copiaste? fizeste bem.
 copia mais, sem cansaíra.
 copia, pilha, retém...
 é a única maneira
 de não escreveres asneira.
 (FERNANDO PESSOA, *Apud* LOPES, 1990, p. 172)

O aluno precisa aprender a copiar bastante, produzir um texto coerente com o que copiou e dissimular para não ser pego. O aluno que conseguir fazer isso merece ser aprovado com distinção e louvor.

O valor mais alto na produção de um texto é a originalidade, mas para ser original é preciso saber copiar. Foi o que fez Camões com *Os Lusíadas* e Joyce com *Ulisses*. Camões, depois de proclamar ‘Cesse tudo que a musa antiga canta, que outro valor mais alto se levanta’, vai buscar sua inspiração em Virgílio, como Joyce foi buscar em Homero. O aluno

⁵ Projeto desenvolvido em bairros pobres da Índia, no qual computadores embutidos na parede eram usados livremente pelos alunos.

tem que fazer melhor do que Camões e Joyce, buscando sua inspiração não em um, mas em vários autores. Quando se copia não se pode ser fiel; é preciso ser promíscuo. O conselho aqui é fazer como T. S. Eliot, que compôs o poema *The Wasteland*, copiando trechos de inúmeros autores. Não é muito diferente do que se faz na academia, onde a regra é copiar um do outro. Se todo mundo copia, porque o aluno não pode copiar? O cuidado que ele deve tomar é apenas de saber de quem copiar, já que cada época tem seus modelos.

Depois de conseguir uma coletânea de segmentos de textos, é necessário costurar esses diferentes segmentos em um texto único. Trata-se essencialmente de um processo de montagem, com arestas que precisam ser aparadas entre os segmentos para que o texto progrida serenamente, com transições suaves entre um segmento e outro.

A última etapa do processo de cópia é a dissimulação. É preciso disfarçar o texto copiado de tal modo e com tal engenho que ele fique a prova de qualquer máquina de busca da internet. Originalidade é uma questão de estilo. Já dizia Buffon, no século XVIII, que o estilo é o homem. Podemos acrescentar que só o estilo muda; os tópicos permanecem os mesmos. Na contemporaneidade, ser original é não ser pego pelos buscadores. A cópia não pode ser fiel; deve ser alterada a ponto de não poder mais ser autenticada.

2.4. Planejarás mais para trabalhar menos

Um curso a distância exige muito mais planejamento do que um curso presencial (MANNING; COHEN; DEMICHIELL, 2003). A aula a distância não é um evento aleatório que acontece ao acaso, como ocorre, às vezes, no ensino presencial, em que o professor pode planejar uma coisa e na sala de aula fazer outra, ou nada planejar, ou ainda fazer o que uma colega nossa chamava de planejamento em processo: ir planejando à medida que as coisas acontecem. Em EaD, o que não for planejado não acontece. A EaD é um evento a distância não só no sentido geográfico, mas também no sentido temporal, diacrônico: o aluno está distante de nós, em algum lugar do futuro, e precisamos planejar, da melhor maneira possível, o conteúdo a ser desenvolvido, de que maneira ordenar esse conteúdo, como apresentá-lo para o aluno, que recursos da internet usar e, finalmente, deixar bem claro para o aluno quais são as normas do curso.

O conteúdo a ser desenvolvido, às vezes, não depende de nós, já que é decidido em instâncias superiores, das quais podemos ou não fazer parte. Em EaD, no entanto, prevalece o trabalho de equipe, em que, geralmente, temos ingerência sobre os conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Espera-se que sejam conteúdos que atendam aos interesses e às necessidades dos alunos. Idealmente, deveria partir de uma análise das necessidades de um determinado grupo, mas isso nem sempre acontece. E, mesmo quando acontece, acaba-se descobrindo que alunos do mesmo grupo têm necessidades diferentes, principalmente em termos do domínio de conteúdo: há sempre os que já sabem o que vamos ensinar, e outros que não têm a mínima noção. Nossa sugestão, na escolha do conteúdo, é que se planeje para atingir a média, talvez um pouco acima para levantar as expectativas.

A maneira de trabalhar esse conteúdo envolve, entre outros aspectos, sua ordenação: o que vem primeiro, o que deve vir no meio e o que deve vir por último. A regra para encontrar a sequência adequada é que o professor saiba se colocar no lugar do aluno. Isso pode não ser muito fácil, porque o professor tem a visão monolítica do conteúdo, não vê os segmentos que o compõem e, por isso, não sabe como entregá-los aos alunos para que eles então reconstruam novamente o todo. Cada segmento, para o aluno, pode ser uma etapa a ser vencida, não só pela sensação de ter conquistado um patamar mais alto, como em um *game*, mas também por sentir-se preparado para a etapa seguinte. Quando o conteúdo tem uma sequência bem ordenada, o progresso no curso é visível para o aluno e a motivação é garantida pelo sentimento de realização e de satisfação na consecução dos objetivos (KELLER, 1987).

Outro elemento importante no planejamento é o estabelecimento das normas do curso, que devem ser claras e ficar claras para os alunos, incluindo os prazos para a execução das tarefas, os pesos de cada atividade na avaliação, as responsabilidades dos professores, dos tutores e dos alunos e como tudo funciona na comunidade de aprendizagem. Essas normas devem ser retomadas constantemente nas diversas ferramentas do curso, com o comprometimento comprovado do aluno. Não basta, por exemplo, deixar as normas disponíveis em algum lugar do curso, é necessária a comprovação de que o aluno tenha lido e compreendido cada um dos itens dessas normas.

2.5 Motivarás por meio dos Recursos

Ensinar é criar condições de aprendizagem. Mesmo no ensino presencial, não dá para ensinar apenas com palavras: o professor usa a lousa, livros didáticos, folhas de exercícios, etc. Aprender com o uso de objetos, mesmo com a ausência do professor, já faz parte do ensino tradicional: supõe-se que o aluno pode e deve aprender fora da sala de aula, lendo seus livros ou fazendo os temas de casa. Isso acontece também com a motivação, que nem sempre depende da presença do outro – o aluno não precisa necessariamente de um animador na sua frente para que a aprendizagem ocorra. Os elementos básicos da motivação – incluindo a atenção, a relevância, a confiança e a satisfação, no modelo ARCS, segundo Keller (1987) – podem estar na relação do aluno com os objetos ao seu redor. Os *games*, na contemporaneidade, os livros dos grandes autores e mesmo o *feedback* de programas interativos podem motivar o aluno sem a presença física do outro.

Podemos comparar o professor de EaD a um autor de livros. Ainda que se faça tarde de autógrafos para promover suas obras, o autor não precisa estar presente para motivar seu leitor; provavelmente até o atrapalharia. O leitor é motivado e seduzido pelo valor intrínseco da obra. Em EaD, o aluno deve ser motivado pela atividade que o professor lhe prepara, de modo a prender sua atenção, a ser relevante para seus objetivos de vida, a despertar confiança de que vai conseguir realizar a tarefa e de lhe trazer satisfação. Uma motivação alimentada pela execução da atividade terá um valor maior do que o enlevo pela cor dos olhos do professor ou da professora.

2.6 Valorizarás a interação mais do que o conteúdo.

Conteúdo e interação formam par com os termos ‘o que’ e ‘como’; ou seja, o que ensinar e como ensinar. Estamos dando aqui ao termo interação uma conotação mais afetiva, e ao termo conteúdo uma conotação mais cognitiva. A parte afetiva caracteriza-se pela disponibilidade do professor, ou tutor, de marcar a presença social no ensino a distância, mostrando ao aluno que leu sua mensagem, que está disposto a ajudar e que está interessado na sua aprendizagem.

Por mais importante que consideremos o conteúdo, a interação é ainda mais importante. Nossa experiência em EaD tem demonstrado isso constantemente. Olhando em retrospecto, vemos que há duas razões

para que isso se justifique. Em primeiro lugar, os alunos esquecem o conteúdo; o que fica na lembrança deles é o envolvimento afetivo com o professor e com os colegas. Em segundo lugar, o conteúdo expira, tem uma validade limitada. Mesmo que o aluno lembre para o resto de sua vida o conteúdo de tudo que lhe foi ensinado, um dia vai descobrir que muito desse conteúdo perdeu sua utilidade.

2.7 Usarás de humor.

O ser humano é único em vários aspectos: é o único animal que é capaz de falar, pensar, evoluir e rir, embora a potencialidade de executar esses gestos não seja uma garantia de que eles se concretizem – há seres humanos que não falam, não pensam, não evoluem e não riem. A História dá inúmeros exemplos do que disseram, pensaram e fizeram grandes filósofos, santos e heróis, mas há pouquíssimos registros de que eles tenham sorrido. Um dos momentos mais hilariantes no romance *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, é a longa discussão dos monges se Jesus teria ou não sorrido em sua vida, já que tal fato, em nenhum momento, é registrado nos Evangelhos. O riso seria uma falta de respeito diante da seriedade das coisas da vida e da morte; mais provavelmente a expressão de um sentimento de desprezo pelos outros, que acabam sendo tratados como seres inferiores, na linha da teoria da superioridade, de Platão e de Aristóteles (ALBERTI, 1999) O riso afasta o homem da verdadeira sabedoria: “O riso e o risível seriam prazeres falsos, experimentados pela multidão medíocre de homens privados da razão” (ALBERTI, 1999, p. 45).

Mas, para muitos filósofos, o riso tem também um lado positivo e representa um benefício para o corpo e para a mente. Para Kant (1980), o sorriso massageava os intestinos e o diafragma. Para Henri Bergson (2007), em seu famoso ensaio sobre o riso, a comicidade é uma característica essencialmente humana, na medida em que, como já dizia Sócrates, o homem é o único animal que ri. Mas o mais categórico foi Nietzsche (2002, p. 113), em um de seus famosos aforismos: “Perdido seja para nós aquele dia em que não se dançou nem uma vez! E falsa seja para nós toda a verdade que não tenha sido acompanhada por uma gargalhada!”.

Há vários argumentos que podem ser arrolados tanto a favor quanto contra em relação ao uso do humor na educação a distância. O humor pode humilhar, quando fundamentado no desprezo, mas também pode

contribuir para a qualidade de vida de um curso, quando baseado numa ideia saudável de cumplicidade (LEFFA, 2011). O segredo do sucesso está no uso do humor respeitoso. O humor tem suas regras e elas se tornam mais importantes na EaD, em que a falta do contato face a face elimina as possibilidades do olhar e dos gestos sutis que assinalam a intenção de brincar. Também não cabe a carnavalização, com a inversão de papéis entre professor e aluno; a própria EaD tem a vantagem sobre o ensino presencial de dificultar essa carnavalização, porque tende a tirar a superioridade de quem ensina. Aluno e professor, quando estão a distância, não têm como olhar um para o outro. A possibilidade maior é de olharem na mesma direção e partirem rumo ao objetivo comum, idealmente sem se darem conta de que um sabe mais do que o outro. O uso do humor respeitoso pode ajudar nesse sentido, diminuindo a distância e a hierarquia.

2.8 Tornarás a mídia invisível.

Quando aprendemos a falar uma língua, investimos um esforço muito grande para articular adequadamente cada som, em uma progressão que pode levar meses até completar o repertório completo dos fonemas da língua. Depois, passo a passo, vamos adquirindo a morfologia e a sintaxe, até chegar a um estágio em que automatizamos o sistema e, então, concentramos nossos esforços sobre os diferentes conteúdos que queremos dominar, sejam os super-heróis, canções de ninar ou as histórias que queremos contar, passando, assim, da palavra para o mundo. Nesse estágio de automatização, os sons, a morfologia, a sintaxe e tudo o que caracteriza a materialidade da língua desaparece; o uso eficiente só é possível quando sua materialidade torna-se invisível. Mais tarde, quando aprendemos a escrever, o mesmo acontece com as letras e com o lápis que usamos para escrevê-las; no início, envidamos um esforço muito grande para segurar o lápis de modo correto e desenhar as letras na folha, mas depois, com o tempo, vamos automatizando os movimentos, e o lápis, de certo modo, fica também invisível. Deixa de ser um obstáculo entre o sujeito e o objeto da aprendizagem. A cada etapa que avançamos, temos que dominar instrumentos diferentes e, à medida que os dominamos, eles se tornam invisíveis.

Na educação a distância, não é diferente: os instrumentos que usamos precisam ser automatizados para que possamos nos concentrar no conteúdo. O computador e seus periféricos, os navegadores da internet e os ambientes virtuais de aprendizagem, os processadores de

textos e os sistemas de autoria, entre outros instrumentos, formam um conjunto de recursos que precisa ficar totalmente transparente para o aluno, permitindo que ele veja com a maior clareza possível o objeto a ser aprendido lá do outro lado. A ideia de que é necessário usar um instrumento para chegar ao objetivo será errônea, se der a ideia de que o instrumento interpõe-se visivelmente entre o sujeito e o objeto. O instrumento precisa ser internalizado e automatizado pelo sujeito – é assim que atinge sua invisibilidade.

O resultado da invisibilidade do instrumento é a visibilidade do objeto. Quanto mais invisível for o instrumento, mais visível será o resultado que ele produzirá para o aluno. Com a introdução das tecnologias virtuais, incluindo a possibilidade de telepresença (ARAÚJO, 2005), o conceito de EaD precisa ser revisado, já que a distância não existe mais. Tudo se torna presencial – conteúdo, aluno e professor. O domínio da tecnologia virtual pode trazer duas consequências na relação professor/aluno: com a eliminação da distância, o professor tem a opção de ficar mais próximo do aluno; com a combinação de procedimentos síncronos e assíncronos, o professor tem a opção de ficar mais tempo com o aluno.

2.9 Fundarás uma Comunidade.

A maior parte dos estudos realizados atualmente sobre EaD incluem o uso dos correios e dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, como elementos importantes no desenvolvimento da área. Trata-se, no entanto, mais de uma curiosidade histórica do que de uma realidade contemporânea. Na era pré-internet, o aluno recebia as tarefas pelo correio para fazê-las em seu horário livre, ou assistia aos programas da televisão e do rádio nos horários estabelecidos pelas emissoras, que poderiam ou não coincidir com suas horas livres. Nos cursos por correspondência, o aluno tinha a possibilidade de enviar as respostas dos exercícios para a instituição que promovia o curso, a fim de obter *feedback* de algum monitor de plantão, o que poderia levar até três semanas ou mais. Nos cursos pela televisão e pelo rádio, nem mesmo essa possibilidade havia, ainda que, em alguns raros lugares, poderia haver a presença de um monitor. Via de regra, o estudo a distância era uma atividade solitária.

À primeira vista, poderia ser argumentado que uma semelhança que permanece entre a EaD pré-internetiana e a EaD internetiana é que

ambas ocorrem a distância, justificando até o uso da sigla EaD. Mais uma vez, isso não corresponde à realidade. Um curso por correspondência da década de 1960 não seria a distância se o professor viajasse até o lugar em que se encontrasse o aluno. Mas é isso exatamente o que acontece agora. Não só o professor pode ir até o aluno, mas o aluno também pode ir até o professor, como pode viajar para conversar de perto com outros colegas de qualquer lugar do planeta e vice-versa. No mundo analógico, a distância é uma função do tempo: um carro, com o velocímetro marcando constantemente 60km por hora, vai levar 60 minutos para percorrer uma distância de 60km e 90 minutos para percorrer 90 km. Na internet, não é assim: uma distância de 6.000 km ou de 6 m leva praticamente o mesmo tempo, dependendo apenas da velocidade de processamento da máquina ou da qualidade da conexão. Na internet, todas as distâncias são iguais, ou seja, a distância não existe.

A diferença maior, no entanto, entre antes e depois da internet, está na formação de comunidades. Um curso a distância atual, tipicamente, forma um grupo, na medida em que mobiliza diversas ferramentas que estão disponíveis na internet e nos próprios ambientes virtuais de aprendizagem, como fóruns, e-mail, salas de chat, portfólio, entre outros.

Essas comunidades podem ter diferentes graus de coesão. É aí que entra o papel do professor. Dois segredos para a criação de uma comunidade coesa são: (1) começar o curso com regras claras, incluindo coisas simples como prazo para entrega das tarefas, critérios de avaliação, etc.; (2) dividir entre todos os membros da comunidade as tarefas que devem ser executadas para que o curso tenha êxito.

2.10. Não seguirás estes mandamentos.

O decálogo é proposto aqui como o resultado de uma reflexão sobre a própria experiência. Por mais importante que avaliemos nossa reflexão, por mais relevante que consideremos o saber que esperamos construir nessa reflexão, defendemos a ideia de que cada sujeito deve construir seu próprio decálogo. Entendemos que o saber não deve ser vicário. O saber não pode ser emprestado de outra pessoa; não pode ser delegado para outro. O saber tem que ser construído pelo próprio sujeito.

Não nos consideramos os donos da verdade. Acreditamos que a verdade é extremamente contextualizada e volátil. O que é verdade para nós, poderá não ser verdade para o outro; o que é verdade hoje, poderá

não ser verdade amanhã. A verdade, como tudo que acreditamos ser sólido, desmancha-se no ar, volátil e passageira como o vento. Talvez inapreensível. Certamente intransmissível de uma pessoa para outra. Daí a necessidade de construí-la.

Considerações finais

A EaD, embora conceitualmente exista há vários séculos, está ainda na sua primeira infância, quando consideramos os meios pelos quais ela pode ser feita atualmente. Compactamos o tempo e o espaço; podemos colocar em um minúsculo cartão de memória uma biblioteca inteira e transmitir uma sinfonia completa em uma fração de segundo, de um lado a outro do planeta: a compactação, contraditória em si mesma, traz em seu bojo a possibilidade da expansão. Tudo isso com impactos financeiros, políticos e metodológicos ainda imprevisíveis na educação.

A compactação do espaço acaba eliminando a distância, tornando obsoleto o próprio conceito que tínhamos de educação a distância, que vai ficando cada dia mais presencial, com os recursos de telepresença e a possibilidade de uma comunicação dialógica. O professor, querendo, pode eliminar a distância que o separa do aluno e também, querendo, pode ficar mais tempo com ele. A possibilidade de um professor mais próximo e por mais tempo sugere a necessidade de revisar o que se entende por educação a distância, na medida em que a distância desaparece.

Tentamos mostrar essa possível aproximação entre professor e aluno, usando nossa experiência de educação a distância e expondo nossas ideias na forma de um decálogo. A opção por esse gênero discursivo, marcadamente sucinto, foi motivada pelo desejo de dizer mais com menos palavras. Entendemos que o sucesso ou o fracasso da EaD está na competência do professor em usar adequadamente o espaço que o separa do aluno, densamente ocupado por tecnologias sofisticadas, que precisam ser dominadas para que a interação com o aluno se viabilize. Foi nesse sentido que construímos o decálogo, não como um texto autoritário, de quem se ache dono da verdade, mas como um resumo de ideias que possam contribuir para a formação do perfil desejado de um professor de EaD.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **O Riso e o risível na História do Pensamento**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- ARAÚJO, Y. R. G. **Telepresença: interação e interfaces**. São Paulo: Educ, 2005.
- BÍBLIA. **Êxodo**. Português. Tradução Ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BERGSON, H. **O Riso: ensaios sobre a significação da comicidade**. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BLACKBOARD. Disponível em: <<http://www.blackboard.com/>>. Acesso em: 19 jan. 2012.
- BOFF, C. Um decálogo para uma pedagogia renovada. **Diálogo**, São Paulo, v. 0, n. 89, p. 77-78, 2010.
- CHALITA, G. **Os dez mandamentos da ética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- DECÁLOGO. **Decálogo a ser seguido pelos gestores para a solução dos problemas de infraestrutura das escolas públicas estaduais**. 2011. Disponível em: <<http://educadoraarletevidal.blogspot.com/2011/08/decalogo-ser-seguido-pelos-gestores.html>>. Acesso em: 24 jan. 2012.
- DECÁLOGO RADIALISTA. Disponível em: <<http://www.radialistas.net/portuclip.php?id=1400235>>. Acesso em: 19 jan. 2012.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (1969).
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)
- KELLER, J. M. Development and use of the ARCS Model of Motivational Design. **Journal of Instructional Development**, Syracuse, v. 10, n. 3, p. 2-10, 1987.
- KRESS, G.; LEEUWEN, T. V. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 15-32.

LEMKE, J. L. Travels in hypermodality. **Visual Communication**, Londres, v. 1, n. 3, p. 299-325, 2002.

LOPES, T. R. (Org.) **Pessoa por conhecer**: textos para um novo mapa. Lisboa: Estampa, 1990 (ORDENAR ALFABETICAMENTE).

MANNING, R. D.; COHEN, M. S.; DEMICHIELL, R. L. Distance learning: step by step. **Journal of Information Technology Education**, Santa Rosa, CA, v. 2, n. 1, p. 115-130, 2003.

MARTINS, I. G. S. Decálogo do Advogado. **Ordem dos Advogados do Brasil**, Seção de São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/noticias/2008/10/15/5193/>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

MOODLE. Learning Management System (LMS). Disponível em: <<http://www.moodle.org.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

MUSSA, A. **Decálogo do Leitor**. 2009. Disponível em: <<http://www.silviolobo.com.br/gustavo/decalogo-do-leitor/>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de José Mendes de Souza. EBooksBrasil, 2002. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/zara.html>>. Acesso em 15 nov. 2013.

PASQUIER, A.; DOLZ, J. Um decálogo para ensinar a escrever. **Cultura y Educación**, Logronha, v. 8, n. 2, p. 31-41, 1996.

PENSADOR UOL. **A raposa e as uvas**. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MjkyMjQ2/>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**: livros históricos e códigos legais. Tradução D. Mateus Rocha. São Paulo: Paulinas, 1977.

TELEDUC. Educação a Distância. Disponível em: <<http://www.teleduc.org.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

WARSCHAUER, M. **Reconceptualizing the Digital Divide**. 2002. Disponível em <http://cybra.lodz.pl/Content/1081/issues/issue7_7/warschauer/index.html>. Acesso em 15 nov. 2013.